

WORLD HEALTH ORGANIZATION
REGIONAL OFFICE FOR AFRICA



ORGANISATION MONDIALE DE LA SANTE
BUREAU REGIONAL DE L'AFRIQUE

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE
ESCRITÓRIO REGIONAL AFRICANO

COMITÉ REGIONAL AFRICANO

AFR/RC53/RT/3

23 Julho de 2003

Quinquagésima-terceira sessão
Joanesburgo, África do Sul, 1-5 de Setembro de 2003

ORIGINAL: INGLÊS

Ponto 11.3 da ordem do dia provisória

**ACÇÃO HUMANITÁRIA E DE EMERGÊNCIA:
MELHORAR A EFICÁCIA DAS INTERVENÇÕES
NA ÁREA DA SAÚDE**

Mesa Redonda nº 3

ÍNDICE

	Parágrafos
ANTECEDENTES	1-12
RESPOSTA DO SECTOR DA SAÚDE	13-17
PONTOS DE DISCUSSÃO	18
RESULTADOS ESPERADOS.....	19-20

ANTECEDENTES

1. Cerca de 20% das catástrofes mundiais ocorrem em África e 60% dos óbitos resultantes dessas catástrofes ocorrem na Região Africana, devido à sua grande vulnerabilidade e fraca capacidade para dar uma resposta adequada.
2. A Região Africana é, frequentemente, assolada por epidemias, sismos, erupções vulcânicas, cheias, secas, fome e ciclones. Esta diversidade de catástrofes naturais é agravada por guerras e conflitos cada vez mais recorrentes e não resolvidos. Além das consequências imediatas das mortes, o incalculável sofrimento humano, a destruição dos bens, o desalojamento das pessoas e a crescente frequência das catástrofes naturais ou provocadas pelo homem têm profundos efeitos económicos, ambientais e sociais a longo prazo.
3. A maioria dessas catástrofes provoca a destruição maciça das infra-estruturas e dos recursos sanitários, enfraquecendo ainda mais os já débeis sistemas de saúde e reduzindo o acesso aos serviços básicos de saúde e sociais.
4. As mulheres e as crianças representam uma percentagem desproporcionada de 80% das populações afectadas pelas catástrofes na Região Africana, daí resultando que a morbidade e a mortalidade materna e infantil sejam significativamente elevadas. Além disso, a escalada das catástrofes constitui terreno fértil para as epidemias e o rápido alastramento de doenças transmissíveis, tais como a tuberculose e o HIV/SIDA.
5. A taxa de infecções pelo HIV/SIDA representa um enorme desafio para a complexa teia de emergências humanitárias. A prevalência da infecção por HIV/SIDA varia de 10% entre as populações deslocadas da África Ocidental a 30% nas populações atingidas pela fome na África Austral, onde 14,4 milhões de pessoas são afectadas pela falta de alimentos.
6. As crises humanitárias recorrentes na Região Africana arruinam décadas de progressos feitos no desenvolvimento, agravando ainda mais a pobreza e as desigualdades. Um exemplo notório foram as cheias de Moçambique em 2000, que custaram mais de 427 milhões de dólares. Em 2002, os prejuízos económicos provocados por diversas crises na Região Africana foram estimados em 15 biliões de dólares.
7. Na sub-região dos Grandes Lagos, os conflitos genocidas têm provocado um sofrimento humano sem paralelo. O genocídio de 1994 no Ruanda e os constantes conflitos étnicos no Burundi desde 1993 têm causado um grave declínio na economia e um considerável número de mortes. Durante os conflitos no Ruanda morreram um milhão de pessoas e no Burundi foram mortas 300 000 pessoas, principalmente civis. Desde 1998, os conflitos internos e as erupções vulcânicas causaram três milhões de mortos e desalojaram quatro milhões de pessoas na República Democrática do Congo.
8. Os conflitos internos indiscriminados e prolongados na África Ocidental aumentaram rapidamente o número de pessoas deslocadas internamente e de refugiados. Na Libéria, morreram cerca de 500 000 pessoas e milhões de pessoas foram deslocadas. A crise na Serra Leoa teve,

igualmente, efeitos devastadores e os conflitos na Guiné e na Côte d'Ivoire provocaram a deslocação de mais de dois milhões de pessoas. O número de pessoas internamente deslocadas na África Ocidental está estimado em mais de quatro milhões.

9. Na África Austral, as crises humanitárias têm historicamente sido provocadas por conflitos armados e catástrofes naturais (secas, cheias). Actualmente, a fome tem provocado a morte de pessoas em seis países afectados.

10. O recente sismo na Argélia ceifou mais de 2 300 vidas e fez mais de 15 000 feridos. Desde Maio de 2003, 200 000 pessoas ficaram desalojadas devido ao sismo. Em termos financeiros, as perdas estão estimadas em 5 biliões de dólares.

11. Os conflitos internos e entre países, a extrema pobreza e o elevado crescimento demográfico (que excede 2,5% ao ano) agravam a situação no Corno de África, tornando esta sub-região uma das mais vulneráveis do mundo. Sete países estão a viver uma situação de seca e desertificação prolongada e periódica, que afecta milhões de pessoas.

12. A situação é igualmente precária nos países que emergem da guerra: Angola, República do Congo, Ruanda, Serra Leoa e República Centrafricana. A maior parte destes países ainda não conseguiu restaurar as condições existentes antes dos conflitos, necessitando de vários tipos de ajuda económica e política, para que possam estabilizar-se.

RESPOSTA DO SECTOR DA SAÚDE

13. A capacidade dos governos para darem resposta às situações de emergência coloca grandes desafios aos países que sofrem conflitos armados. O primeiro desses desafios é reforçar a capacidade das comunidades e das instituições da Região para lidarem com as referidas situações de emergência.

14. Os interesses políticos sobrepõem-se muitas vezes às necessidades sanitárias, resultando numa resposta inadequada e insuficiente às situações de emergência na Região. Os governos nem sempre têm a capacidade de lidar com essas situações, o que cria um vazio que tem, muitas vezes, de ser preenchido por organizações humanitárias internacionais e nacionais.

15. Até ao momento, o sector da saúde tem-se preocupado com a mobilização de apoio para as situações de emergência, o que, normalmente, acontece sob a forma de apelos consolidados ou "relâmpago". Vários países criaram estruturas nacionais para a gestão das emergências. Neste domínio, o Escritório Regional apoia os países através da formação em emergências sanitárias.

16. A OMS está a desempenhar, cada vez mais, um papel activo na ajuda aos países da Região, com o objectivo de facilitar a gestão do impacto das situações de emergência sobre a saúde. A OMS fornece apoio técnico, materiais (kits sanitários para emergências), avaliação dos riscos para a saúde e coordenação.

17. O Escritório Regional descentralizou a Unidade de Acção Humanitária e de Emergência e criou equipas interpaíses na África Ocidental, Central e Austral, bem como na sub-região dos Grandes Lagos. A finalidade dessa descentralização é assegurar nos países intervenções rápidas e eficientes junto das populações. As actividades transfronteiriças para as situações de emergência no Corno de África são reforçadas através da Iniciativa do Corno de África.

PONTOS DE DISCUSSÃO

18. Com base no grau e frequência das situações de emergência na Região, assim como nos recursos e capacidades limitadas dos governos para enfrentarem os desafios que se lhes deparam, podem levantar-se várias questões:

- a) Como podem os ministérios da saúde minimizar o impacto dessas situações sobre a saúde?
- b) Como podem os governos reforçar a sua capacidade nacional para gerirem, de modo adequado, as situações de emergência e aproveitarem da melhor maneira a substancial ajuda que os doadores disponibilizam para essas situações?
- c) Como podem os governos e as comunidades participar na gestão das situações de emergência, quando a maior parte dos países sofrem de pobreza extrema?
- d) Que espécie de apoio esperam os países da OMS?

RESULTADOS ESPERADOS

19. As respostas às quatro questões anteriores podem originar os seguintes resultados:

- a) Indicação de vias para reduzir o impacto das situações de emergência sobre a saúde;
- b) Identificação de áreas para a formação de capacidades e colaboração na gestão e acompanhamento das situações de emergência;
- c) Formulação e implementação de estratégias de envolvimento das comunidades e formação de capacidades, para uma participação eficaz na gestão da acção humanitária e de emergência;
- d) Indicação clara, pelos países, do apoio que esperam da OMS.

20. Em conclusão, esta Mesa Redonda pretende reforçar a sensibilização para os problemas de saúde decorrentes das situações de emergência e esclarecer o papel dos Estados-Membros, das comunidades e da OMS, com vista a uma resposta apropriada às situações de emergência, bem como ao respectivo acompanhamento pelos ministérios da saúde e seus parceiros.